

“MARIA, A ESCOLHIDA”: A IMPORTÂNCIA DA MÃE DE JESUS NA ESCRITURA SAGRADA DO ISLAMISMO

“MARY, THE CHOSEN”: THE IMPORTANCE OF THE MOTHER OF JESUS IN THE
SACRED SCRIPTURE OF ISLAMISM

Ana Trigo¹

Resumo

Maria, a mãe de Jesus, detém uma posição muito especial no Islam. Segundo o Alcorão, Deus a proclamou como a melhor mulher dentre toda a humanidade, a que Ele escolheu sobre todas as outras mulheres por sua religiosidade e devoção para dar à luz um de seus mais importantes profetas. Este artigo pretende mostrar as referências sobre a mãe de Jesus na Escritura Sagrada para os muçulmanos e analisar suas semelhanças com a Bíblia, bem como suas diferenças.

Palavras-chave: Maria, Jesus, islamismo, cristianismo, Alcorão, Bíblia.

Abstract

Mary, the mother of Jesus, holds a very special position in Islam. According to the Quran, God proclaiming her as a better woman among a whole humanity, He has chosen her over all other women by her religion and devotion and to give birth to his most important prophets. This article declares the references on Jesus' mother in the Quran and analyzes the similarity differences what is written in the Bible.

Key-words: Mary, Jesus, Islam, christianity, Quran, Bible.

1) Introdução – a revelação do Alcorão

Muito além de figura sagrada e mística para devotos católicos, Maria, mãe de Jesus, circula com desenvoltura por outras crenças. Neste artigo iremos analisar sua presença no Alcorão, o Livro Sagrado dos muçulmanos. Nele, Maria é retratada como figura especial, escolhida diretamente por Deus para conceber de maneira virginal um de seus principais profetas.

Como veremos a seguir, apesar de tratarem Jesus com grande respeito, os muçulmanos não o compreendem como o segundo personagem da Trindade, ou seja, ele não seria filho de Deus. Para a religião islâmica, Jesus é um mensageiro e faz parte de uma longa linhagem de profetas. Três capítulos, ou Suras, do Alcorão tratam da vida de Jesus e, por consequência, de

¹ Ana Trigo – Ana Luisa Trigo (TRIGO, A. L.), bolsista pela CAPES, é mestre e doutoranda em Ciência da Religião pela PUC-SP. Email: analuisatrigo@gmail.com

sua mãe. Aliás, Maria recebe mais destaque na escritura islâmica que o próprio Jesus. Mohammad², inclusive, dedicou uma Sura à Maria, ou Mariam, como é chamada pelos árabes. É a única Sura de todo o Alcorão que é dedicada exclusivamente a uma mulher. Nem Ahmina, mãe de Mohammad, nem Agar, que pode ser considerada a matriarca da religião islâmica, recebem tal homenagem.

Mas antes, para compreender melhor o percurso percorrido pelo profeta muçulmano na representação de Maria, veremos brevemente a história das revelações que levaram Mohammad a reunir no Alcorão. Como aponta Mircea ELIADE (1983), de todos os fundadores de religiões universais, Mohammad é o único cuja biografia é conhecida. Nascido em torno do ano 570 da era cristã, o profeta islâmico é oriundo de uma família que pertencia ao clã dos coraixitas, uma tribo governante de Meca. Localizada na região noroeste da Arábia Saudita, a cidade abriga a Caaba, templo de origens antigas e que até hoje é o local sagrado de peregrinação muçulmana.

Mohammad não conheceu seu pai, Abd al-Muttalib, que morreu antes de ele nascer. A mãe, Aminah, morreu quando ele tinha seis anos. O menino órfão passou pela casa de seu avô e depois de um tio. Como era comum na época, Mohammad também viveu entre os beduínos. Esse costume influenciou sua visão de mundo: o contato com outras culturas, especialmente com grupos cristãos orientais, pode ser verificada nas semelhanças entre passagens do Alcorão e da Bíblia, em especial o Novo Testamento, que trataremos mais adiante.

Quando estava na casa dos 20 anos, passou a prestar serviços a Khadija, uma viúva que mantinha negócio com caravanas de comércio. Algum tempo depois Mohammad se casou com ela e teve dois filhos, dos quais nenhum sobreviveu, e quatro filhas.

Mas foi só aos 40 anos de idade que a vida de Mohammad mudaria para sempre. Ao decidir se afastar para meditar em uma caverna do Monte Hira teve a experiência mística que deu origem ao Alcorão. De acordo com ELIADE, as primeiras revelações ocorreram em 610, aproximadamente e “segundo a tradição, elas foram antecedidas por longos períodos de ‘retiros espirituais’ (*tahannut*) em cavernas e outros lugares solitários, prática que era estranha ao politeísmo árabe” (p.62).

Pela crença islâmica, o anjo Gabriel apareceu a Mohammad e lhe ordenou: “Recite: Em nome do teu Senhor que te criou, criou o homem de um coágulo de sangue” (Alcorão 96:1-2). A princípio Mohammad negou-se a acreditar no que ouvia, com receio de que

² Usaremos a grafia escolhida pelos muçulmanos para se referir ao profeta de sua religião. O nome Maomé só será mantido quando assim estiver grafado nas referências bibliográficas. O mesmo acontecerá com outros nomes e termos cujas grafias serão mantidas como estão referenciadas na bibliografia.

estivesse possuído por um *dijinn*, figura da mitologia árabe pré-islâmica que ficou convencionalizada como gênio e que poderia levar as pessoas a erros de interpretação ou conduta.

De acordo com Karen ARMSTRONG (2008) Mohammad recusou a ordem de Gabriel. Para convencê-lo, o anjo o teria envolvido em três abraços tão apertados que lhe deu a sensação de expulsar todo o ar do seu corpo. Enfim, aterrorizado e exausto, Mohammad passa a recitar as palavras da nova escritura (p. 183).

Como se vê pelos escritos de ELIADE e ARMSTRONG, a experiência inicial – e as que se seguiram – não eram confortáveis para Mohammad. ELIADE diz que: “o ‘ditado’ era frequentemente acompanhado de tremores, violentos acessos de febre ou de baixas de temperatura” (p. 65). ARMSTRONG confirma a versão do processo doloroso da revelação:

Ao contrário da Torá, que, segundo a Bíblia, foi revelada a Moisés de uma só vez no monte Sinai, o Corão foi revelado a Maomé pouco a pouco, linha por linha, versículo por versículo, ao longo de 23 anos. Foi um processo doloroso. “Nunca recebi uma revelação sem sentir que minha alma me estava sendo arrancada”, disse Maomé anos depois. Tinha de ouvir com atenção as palavras divinas, esforçando-se para entender seu significado. Às vezes, o conteúdo da mensagem divina era claro: ele via e ouvia Gabriel. Às vezes, porém, a revelação era angustiantemente inarticulada, “como as reverberações de um sino, e isso é o mais difícil para mim; as reverberações cessam, quando tomo consciência de sua mensagem” (ARMSTRONG, 2008, p.185).

A princípio, Mohammad contou sobre a visão do anjo apenas a para a esposa e um círculo restrito de pessoas. Entre elas estava um primo de Khadija, o cristão Waraqa ibn Nawfal.

Waraqa não teve a menor dúvida: Maomé recebera uma revelação do Deus de Moisés e dos profetas e tornara-se enviado divino dos árabes. Ao cabo de vários dias, Maomé se convenceu de que isso era verdade e pôs-se a pregar aos coraixitas, transmitindo-lhes uma Escritura em sua própria língua (ARMSTRONG, 2008, p. 184).

Dessa maneira, o Alcorão foi sendo organizado e a religião recebeu o nome de Islam, “o ato de entrega existencial a Alá”. ARMSTRONG explica que o texto não chegou ao profeta na ordem que se vê hoje no livro. Conforme as revelações aconteciam, Mohammad, que era analfabeto, recitava-as para os poucos que sabiam escrever. “Cerca de vinte anos após a morte de Maomé, fez-se a primeira compilação oficial da revelação” (ARMSTRONG, 2008, p. 186).

Apesar do que se vê hoje, com grupos que promovem o terror supostamente usando uma leitura radical do Alcorão, como o Estado Islâmico, por exemplo, Mohammad manteve seu discurso de tolerância e liberdade religiosa e não teria pedido aos judeus ou cristãos que se convertessem ao islamismo, deixando-os livres para se decidirem, porque:

Segundo o Corão, uma revelação não anula as mensagens e visões dos profetas anteriores; ao contrário, enfatiza a continuidade da experiência religiosa da humanidade. É importante ressaltar esse ponto, porque a intolerância não é uma virtude que os ocidentais atribuíram ao islamismo. Contudo, desde o início, os muçulmanos encaram a revelação em termos menos exclusivistas que judeus e cristãos. A intolerância que muitos hoje condenam no islamismo nem sempre nasce de uma concepção rival de Deus, mas de outra fonte inteiramente diferente: os muçulmanos são intolerantes com a injustiça, cometida tanto por seus governantes – como o xá Mohammad Reza Pahlavi – como por poderosos países ocidentais (ARMSTRONG, 2008, p. 200).

De acordo com ARMSTRONG, a princípio parecia que a religião que nascera após as revelações recebidas por Mohammad seria aceita por toda a Meca. Mas à medida que o profeta passou a condenar o politeísmo que figurava até então e o individualismo que permitia o acúmulo de fortunas nas mãos de poucos (o que era contrário ao ideal tribal comunitário de sociedade igualitária), houve uma debandada de adeptos e os islamitas passaram a ser minoria.

No entanto, quando morreu em 632, o profeta havia conseguido reunir quase todas as tribos da Arábia. Mohammad

Dotara os árabes de uma espiritualidade singularmente mais adequada a suas tradições e capaz de revelar-lhes um poderio extraordinário que em cem anos eles estabeleceram um grande império, que se estendia do Himalaia aos Pirineus, e fundaram uma civilização única. Contudo, enquanto rezava na minúscula gruta no cume do monte Hira, durante o retiro do Ramadã de 610, Maomé não poderia imaginar tamanho sucesso (ARMSTRONG, 2008, p. 180).

Atualmente, o islamismo é a segunda maior religião mundial segundo a pesquisa Religião e Vida Pública do Pew Research Center³, divulgado em 2010. O cristianismo se mantém na primeira colocação. Pelas estimativas do instituto na ocasião da divulgação do estudo, o islamismo tinha 1,57 bilhões de adeptos em todo o mundo, o que representava 22% da população mundial. A pesquisa do Pew aponta que o número de muçulmanos cresce a uma taxa de 2,3% ao ano provocado pelas conversões, alta taxa de nascimento de crianças nos países islâmicos e pela imigração. Se as estimativas de crescimento se confirmar, em 2030 os muçulmanos representaram 26,4% da população mundial.

2) Mohammad, Jesus e Maria

³ O Pew Research Center é uma organização americana, que fornece informações sobre assuntos, atitudes e tendências que moldam os Estados Unidos e o mundo. A pesquisa Religião e Vida Pública foi publicada em 2009. As informações colhidas para este artigo encontram-se disponíveis em português no link: <http://www.islamreligion.com/pt/articles/4394/populacao-de-muculmanos-parte-1-de-2/>. Último acesso em 1º de dezembro de 2017.

Após esse rápido percurso histórico, passemos ao objeto deste artigo que é falar da presença de Maria no Alcorão. O fato pode causar estranhamento à primeira vista. Mas como definiu Jaroslav PELIKAN (2000) sobre o islamismo: a “ignorância dos ocidentais (em outros aspectos, bem informados) não é apenas abismal mas assustadora”.

Para os ocidentais que leem o Alcorão pela primeira vez, um dos mais surpreendentes capítulos é o surah de número 19 da coleção canônica, intitulado “Maryam: Maria”. O 19º dos 114 surahs é um dos mais longos do Alcorão e, além disso, o único que apresenta o nome de uma mulher, apesar de número 4 trazer o subtítulo de “Na-Nisa: As mulheres” e o sexagésimo surah ser chamado “Al-Mumtahanah: A mulher tentada”. Porém não existe, por exemplo, um surah denominado Eva (considerada pelo islamismo, judaísmo e cristianismo como a “mãe de todos os seres viventes”) nem outro como o nome de Agar, mãe de Ismael, nascido de Abraão, e portanto, em um sentido real, mãe fundadora do islamismo (PELIKAN, 2000, p. 101).

Antes no assunto Maria em si, precisamos entender o papel de Jesus na religião de Alá. ARMSTRONG explica que o Alcorão não entende as outras crenças como falsas ou incompletas,

Mas apresenta cada novo profeta confirmando e continuando as visões de seus antecessores. O Corão ensina que Deus enviou mensageiros a todos os povos da terra: a tradição islâmica diz que houve 124 mil desses profetas, um número simbólico que sugere infinitude. Assim, o Corão repetidas vezes observa que não traz uma mensagem essencialmente nova e que os muçulmanos devem enfatizar seu parentesco com as religiões mais antigas (ARMSTRONG, 2008, p. 200).

Para ilustrar a explicação acima, ARMSTRONG aponta a própria escritura islâmica: “E não disputeis com os adeptos do Livro, senão da melhor forma, exceto com os injustos, dentre eles. Dizei-lhes: cremos no que nos foi revelado, assim como no que vos foi revelado antes; nosso Deus e vosso são Um e a Ele nos submetemos” (Alcorão 29, 26).

Esse “parentesco” defendido por Mohammad é o primeiro passo para entender os motivos que levaram Maria a ocupar lugar tão especial no Alcorão. Para Joachim GNILKA (2006), ao se declarar o último profeta, Mohammad precisou restaurar a “linha dos profetas bíblicos enviados de Deus. Assim, ele obrigatoriamente tinha de colocar também Jesus nessa ordem” (p.121).

No entanto, para os muçulmanos, Jesus é reconhecido apenas como filho de Maria. Mohammad entende que Jesus foi concebido de maneira virginal, mas nega-lhe a natureza divina, e José sequer é citado. “Levando-se em conta que a sincera crença da religião do Alcorão na inequívoca unidade de Deus excluía toda a possibilidade de Deus ter um filho e, portanto, de haver uma Trindade, todo esse discurso de Gabriel foi resumido em uma simples frase: ‘um bom filho’” (PELIKAN, 2000, pg. 104).

A versão da anunciação presente no Alcorão define Maria como a escolhida de Alá, exaltando-a entre todas as mulheres. Em linhas gerais, o texto islâmico é semelhante ao encontrado no evangelho de Lucas que também aponta o anjo Gabriel como o mensageiro. Nas duas escrituras, Maria questiona como poderia ter um filho já que não havia “conhecido” homem algum. PELIKAN aponta para a curiosidade do uso do verbo “conhecer” tanto no Alcorão quanto na Bíblia como um “eufemismo para designar a relação sexual” (p.105).

A resposta de Gabriel a Maria no Novo Testamento é clara quanto à divindade de Jesus. “E respondendo o anjo, disse-lhe: descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lucas 1, 35).

Já no Alcorão a resposta de Gabriel direciona ao sentido de que Deus havia desejado dar um filho a Maria, mas que não seria resultado da concepção divina. “Disse-lhe [o anjo]: assim será, porque teu Senhor disse: isso me é fácil!” (Alcorão 19, 21). Outros versículos reforçam a tese muçulmana de que Jesus não é filho de Deus. “Este é Jesus, filho de Maria; é a pura verdade, da qual duvidam. É inadmissível que Allah tenha tido um filho. Glorificado seja! Quando decide uma coisa, basta-lhe dizer: Seja!, e é” (Alcorão 19, 34-35).

GNILKA explica que essa passagem do Alcorão que relata “o nascimento de Jesus sem pai” é, para Mohammad “exclusivamente expressão do poder criador de Deus” (p. 127).

Rejeitando o título de Filho de Deus para Jesus – como de resto para todos os outros –, Maomé abandona a tradição bíblica, aliando-se a uma outra imagem não-bíblica de Deus. De tudo isso que apresentamos sobre Jesus, nada consta no Alcorão. Mesmo assim ele fala de Jesus com grande respeito. Ele é citado em muitas Suras. Assim, ao lado de Abraão e Moisés, é a pessoa bíblica mais citada. Jesus é encaixado na visão muçulmana do caminho de salvação. Isso é importantíssimo de ser observado, mesmo que neste ponto Maomé mais uma vez dependa claramente das tradições bíblicas (GNILKA, 2006, pg. 125).

PELIKAN segue a mesma linha de raciocínio de GNILKA, demonstrando o respeito de Mohammad à figura de Jesus, mesmo quando nega sua divindade.

Os anjos disseram a Maria: “Oh, Maria, Deus te anunciou boas novas para que te regozijes. Sua palavra nomeou o Messias, Jesus, filho de Maria, que será honrado neste mundo para todo o sempre, e estará entre os eleitos e, falará ao povo ainda no berço e nos primórdios da vida, e estará entre os retos e que praticam o bem”⁴. Isso equivaleria dizer que o menino seria filho de Maria, mas não filho de Deus (PELIKAN, 2000, pg. 104).

Essas “coincidências” entre o Novo Testamento e o Alcorão, assim como as discrepâncias, não aconteceram por acaso. Já vimos que Waraqa ibn Nawfal, primo de

⁴ Alcorão 3: 45-46, versão contida na referência bibliográfica citada.

Khadija, era cristão e teve grande influência no reconhecimento de Mohammad como profeta. Segundo ELIADE, as ideias cristãs e hebreias da época eram bem conhecidas nas cidades árabes. E que “é muito provável que Maomé se tenha impressionado bastante com as vigílias, preces e meditações de certos monges cristãos que encontrara, ou de quem ouvira falar nas suas viagens” (p.62).

Não há dúvida de que o Profeta conhecia directa ou indirectamente, certas concepções e práticas religiosas dos judeus e dos cristãos. No que se refere ao cristianismo, as suas informações eram mais aproximativas. Fala de Jesus e de Maria, mas nega-lhe a natureza divina, já que foram criados. Em várias ocasiões, alude à infância de Jesus, aos seus milagres e aos seus Apóstolos (“Auxiliares”) (...). O Profeta evoca a tríade cristã Deus-Jesus-Maria; os seus informadores conheciam provavelmente a Igreja monofista da Abissínia, onde a Virgem era venerada de maneira excessiva. Dessa forma, a concepção de uma série de descidas sucessivas da Revelação era compartilhada por muitas seitas gnósticas judeu-cristãs (ELIADE, 1983, p. 74).

PELIKAN concorda com o pensamento de ELIADE ao comentar que até mesmo os primeiros críticos do islamismo se surpreenderam com a importância dada a Maria no texto sagrado muçulmano.

O retrato da Virgem Maria no Alcorão era extraordinariamente surpreendente, mesmo para os primeiros autores das réplicas cristãs ao islã. Bartolomeu de Edessa, escritor de tratados antimuçulmanos, provavelmente do século IX, declarou que “em todo o Alcorão, não há louvores a Maomé ou à sua mãe Aminah que se comparem aos de nosso Senhor Jesus Cristo e aos da Sagrada Virgem Maria, a Theotokos⁵”. Norman Daniel também afirmou: “não há nada, em todo Alcorão, que se equipare ao fervor com que são tratados Cristo e Sua mãe” (PELIKAN, 2000, p. 110-111).

3) Considerações finais

Apesar das diferenças entre as escrituras cristã e muçulmana, a importância de Maria no Alcorão é visível. Além de ter uma Sura dedicada apenas a ela, Maria é citada em outras passagens como a escolhida. “Recorda-te de quando os anjos disseram: Ó Maria, Allah te elegeu e te purificou, e te preferiu a todas as mulheres da humanidade!” (Alcorão 3, 42). Para PELIKAN essa é uma demonstração clara do lugar especial de Maria para a fé islâmica, “uma vez que o Alcorão podia ser interpretado como a restauração de Jesus à história de Israel. Maria representava o ponto crítico dessa campanha, pois para os cristãos ela também desempenhava o papel de elo entre Jesus e a história de Israel” (p. 110).

Por ser uma figura multicultural, a personagem cristã Maria aparece de modo vívido no Alcorão e, nas palavras de PELIKAN, uma “devoção” pelos muçulmanos está mais fincada no seu papel de mediadora. No claro desejo de defender que Jesus não é o filho de

⁵ Mãe de Deus.

Deus, a fé islâmica também tira a divindade de Maria, rejeitando o conceito que ela seria a mãe de Deus (p. 111 e 112).

Já GNILKA chega a defender a existência de um “culto mariano” entre os muçulmanos ao comparar o texto de Lucas ao Alcorão.

Eles constam antes de mais nada da escolha de Maria, que parece quase mais importante do que Jesus, e no nascimento de Jesus sem o concurso de um pai. Este, contudo, não é interpretado cristologicamente, mas é relacionado com o poder criador de Deus, que pode criar do nada. A exaltação de Maria, de fato, bastaria para firmar um culto mariano no islamismo (GNILKA, 2006, P. 129).

Alguns relatos de peregrinação muçulmana a santuários marianos são reportados pela imprensa religiosa, como na revista portuguesa *Além-Mar*, que reproduz artigo de Samir Khalil Samir, de outubro de 2013, intitulado *Cristianismo e Islão: devoção e amizade*⁶. O jornalista relata que milhões de muçulmanos, mulheres em sua maioria, realizam peregrinações anuais a santuários marianos católicos como Fátima (coincidentalmente o nome de uma das filhas do profeta), em Portugal, ou Harissa, no Líbano. “Os muçulmanos põem-se a caminho em direcção a estes santuários marianos, sabendo que Maria é a mulher mais elogiada no Alcorão, a única mulher nomeada por nome”, escreve Samir.

Essa devoção tão explícita necessita de uma pesquisa mais aprimorada, porém não poderia deixar de ser mencionada, mesmo que rapidamente, neste artigo, que trata especificamente da presença de Maria no Alcorão. Uma pista dos motivos talvez possa ser pelo jornalista Samir que informa em seu texto que toda vez que o nome da mãe de Jesus é mencionado por um muçulmano, logo vem seguido da expressão *Alayhá I-salám* – a paz esteja com ela, um título que, segundo ele, não é dado a nenhum outro santo. Ou ainda no ditado sagrado atribuído ao profeta Mohammad: “toda criança, quando nasce, é ‘tocada’ por Satanás, com exceção de Maria e seu filho”.

Referências bibliográficas:

ALCORÃO. Tradução prof. Samir El Hayek, 11ª edição, MarsaM Editora, São Paulo, 2001.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2008.

⁶ Disponível em www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EF1pZpApFFdspritTS. Último acesso em 2 de dezembro de 2017.

ABDULSALAM, M. *Maria no Islam*, site IslamReligion.com, publicado em 4 de janeiro de 2009. <http://www.islamreligion.com/pt/articles/25/maria-no-islam-parte-1-de-3/> ; <http://www.islamreligion.com/pt/articles/24/maria-no-islam-parte-2-de-3/>; <http://www.islamreligion.com/pt/articles/23/maria-no-islam-parte-3-de-3/> Último acesso em 10 de novembro de 2017.

BÍBLIA. Publicada por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, EUA, 2015.

ELIADE, Mircea. *História das ideias crenças religiosas. III volume. De Maomé à idade das reformas*. Rêis Editora, Porto, Portugal. 1983

GNILKA, Joachin. *Bíblia e Alcorão, o que os une e o que os separa*. Capítulo 5 – Cristologia. Ed. Loyola, São Paulo, 2006.

HAMMAD, Ahmad Zaki. *Mary, the chosen woman - the mother of Jesus in the Quran*. Quranic Literacy Institute, Illinois, EUA, 2001.

PELIKAN, Joroslav. *Maria através dos séculos: seu papel na História Cultural*. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.